

Prefácio

Clélia Aparecida Martins

Como citar: MARTINS, Clélia Aparecida. Prefácio. *In:* MARTINS, Clélia Aparecida; MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo (org.). **Kant e o Kantismo:** heranças interpretativas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Brasiliense, 2009. p.9-15. DOI: <https://doi.org/10.36311/2009.978-85-11-00162-4.p9-15>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

Clélia Aparecida Martins

Unesp/Marília

Kant ensina-nos muito, mas, principalmente, ensina-nos que antes de estudar nosso mundo natural e social partindo de seus princípios, os que trabalham com filosofia devem investigar sua própria possibilidade. A radicalidade implícita na filosofia exige um novo modo de pensar, encontrado por ele na crítica transcendental da razão. Ele analisa as possibilidades desta e inaugura uma filosofia autônoma, como ciência racional, que supõe que o conhecimento, nos juízos estéticos e teleológicos, oferece certos elementos válidos independentemente da experiência, já que com essa condição pode-se também conhecer filosoficamente.

O problema da liberdade de pensar; a relação da razão, no papel de crítica racional, tanto com o poder quanto com as representações comuns, mas também com a compreensão delas (com todo o sistema dos seus símbolos e dogmas); o problema dos meios pelos quais se busca uma resposta à questão última do sentido da existência não só da vida humana, mas de todas as formas vivas, que nenhum saber ou crença consegue satisfazer plenamente; imperativo categórico ou autonomia da vontade, ideias reguladoras, conhecimentos *a priori* e *a posteriori*, juízos sintéticos e analíticos, argumentos transcendentais, não são poucos os conceitos e problemas atuais que têm sua fonte em Kant. Isso nada mais indica que esse pensador e sua filosofia são agentes decisivos na transformação cultural; o que é atestado por alguns dos grandes debates que a decidem, já que eles encontram inequívoca expressão em sua filosofia.

Porém, apesar de as mais diversas orientações do pensamento terem Kant como referência, quer seja em sentido crítico quer seja em sentido afirmativo, seria incoerência acadêmica tê-lo como um guia direto do presente. Muito pelo contrário, a influência que lhe cabe neste momento não é de todo explícita. O preponderante com relação ao kantismo é mais a avalanche de críticas que recebe – as principais tendências em filosofia, ciência e política se opõem a ele. Mas nada há de estranho que a leitura de escritos de Kant provoque tanta resistência, visto não se tratar de um fundador de qualquer ciência contemporânea, sequer da atual filosofia da ciência, embora seja indubitável que teorizar sobre a validade universal e a necessidade do verdadeiro saber ³/₄ não obstante a receptividade e sensibilidade, características da finitude do humano ³/₄ foram atividades decorrentes de sua aguda e original análise dos problemas substanciais, à qual ele dedicou decênios de vida e mediante a qual ele mostra que elementos independentes da experiência constituem os diversos campos científicos.

Os textos que compõem esta coletânea foram apresentados no II Colóquio de História da Filosofia, realizado em agosto de 2006, na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista. Nos dias em que transcorreu o evento, tentou-se debilitar aquela resistência com a exposição do kantismo, o debate sobre ele, suas implicações, meandros internos e complexidade. Os estudiosos da filosofia de Kant expressaram o pulso de sua circunstância, divulgando seus conceitos básicos, sua estrutura argumentativa, seus problemas e propostas de solução. Tencionou-se demonstrar que o sentido concedido por essas variadas leituras é capaz de sobrepujar as críticas a esse sistema, reforçar sua admissibilidade enquanto sistema, bem como aclarar os conteúdos dessas diferentes interpretações e as próprias relações entre elas. A exposição de tais interpretações, dúvidas e críticas ocorreu tanto para preservar a tradição do pensamento crítico quanto para revivê-lo nas reflexões filosóficas da atualidade.

Por certo essa dedicação, revelada pelo esforço conjunto de crítica, análise e reflexão criteriosa da obra de Kant, contribuirá para que a lida filosófica de início de século ganhe em termos produtivos e de atualização. E, por visar também promover a aptidão em explorar a riqueza que sua filosofia contém, teve-se no evento e tem-se aqui nesta coletânea a exposição de pesquisas histórico-filosóficas que não prescindiram do passado para serem profícuas, isto é, pesquisas histórico-filosóficas em profícua sintonia com a riqueza do pensamento crítico, estimulando a reflexão conjunta sobre a herança deixada por essas ideias na contemporaneidade.

Longe de endeusar ou perpetuar a filosofia de Kant, ou de constituirmos um grupo partidário do kantismo, ou o contrário, porque conhecedores dos seus limites, substituir a cultura ilustrada ³/₄ cuja base última estava em uma concepção racional do mundo ³/₄, procuramos mostrar com esta coletânea que a busca de superação de seus óbices, suas defasagens, por paradoxal que pareça, impõe não deixá-la, e até mesmo o contrário, ou seja, continuá-la, o que, por sua vez, requer não proceder por desvalorizações, embutidas em simplificações devido à precariedade da interpretação ou reducionismos oriundos da apreensão dogmática de suas teses, mas por perfeccionismo em relação ao fragmentado, correção dos exageros, apontamento dos desvios e aprofundamento da compreensão.

Em outras palavras: se Kant já não pode mais falar, não podemos, contudo, calá-lo. Ainda se mantém atual sua afirmação de que uma filosofia digna deste nome se orienta até os problemas fundamentais do homem, porquanto oferecerem um interesse racional. Porém, se para nosso filósofo tal interesse se resume nas três célebres perguntas da primeira *Crítica* (B 833) “O que posso saber? O que devo fazer? O que devo esperar?”, cabe-nos agora interrogar: qual o sentido de reavivar essas questões se tudo o que constitui a filosofia de Kant pertence historicamente à época da Ilustração, e muitas defesas dessa época os contemporâneos já não endossam mais, tais como a ideia de que o homem pode dominar todas as coisas, a fé no progresso constante da humanidade, a

concepção otimista da racionalidade, indicando assim que a Ilustração, como movimento histórico, pertence ao passado? Pois isso não significa também que todas as ideias mestras de Kant perderam valor?

Não, certamente seu pensamento não ficou defasado. Não fosse a consigna assumida inteiramente por Kant, *sapere aude!*: atreve-te a saber! (*Was ist Aufklärung? VIII: 35*), ser mais que atual nesses tempos de agora, entendidas em seus justos termos, a razão e a liberdade, a crítica e a maioria esclarecida são atitudes e tarefas fundamentais que seguem sendo válidas, mais além dos séculos XVII e XVIII, pois que podem ser pensadas como aquilo que Habermas mesmo afirma, isto é, um projeto inacabado de emancipação. Nesse sentido, precisamos apenas nos manter equidistantes de uma atitude ingênua e hostil com relação à Ilustração, ou ainda, porque hoje mais esclarecidos que há 200 anos e com uma condição cerceada pela tecnologia, evitar embarcar numa convencida sonolência que, bem sabemos, não só leva à paralisação da atividade racional, mas também à cômoda crença do final da reta (da história, da razão mesma, da filosofia). Nesse sentido o evento revelou-se profícuo $\frac{3}{4}$ não nos disponibilizou respostas finais, concludentes.

Se, ao examinar os problemas filosóficos, Kant se depara com a origem da razão, e tropeça em seus limites, tanto no âmbito teórico como no prático, e se à primeira vista, ele deixa de lado a investigação sobre Deus, a liberdade e a imortalidade, isso ocorre apenas numa fase prévia de investigação da problemática, quando sua preocupação era saber se a metafísica poderia ser ciência. E, a despeito disso, seu legado é indubitável $\frac{3}{4}$ nossa autofagia seria exacerbada se o negássemos. Sutilmente, nos escritos desse filósofo aparecem os elementos que começaram a cimentar o ideário moderno desde os dias do renascimento: nele, esses elementos se encontraram sujeitos à consideração crítica de um espírito filosófico. A crítica transcendental da razão, o descobrimento dos elementos independentes da experiência e o descobrimento da crítica da razão como método para amenizá-los é um legado de Kant, que modificou radicalmente o cenário

filosófico trazendo novos elementos para a teoria do conhecimento e do objeto, para a ética, a filosofia da história e da religião, a filosofia da arte, a filosofia da cultura, a filosofia política.

Ademais, a filosofia não só representa uma tarefa intelectual, mas também uma garantia de possíveis reformas do pensamento, para melhor entender a razão. No cumprimento dessa tarefa o filósofo de Königsberg demonstrou que a racionalidade humana não constitui o dom de algo já realizado, senão de uma mera faculdade ou capacidade de realização. Os indivíduos não desvanecem na abstração genérica da humanidade se ela é a totalidade dos homens reunidos no propósito comum de realizar as possibilidades infinitas que emergem da razão; eles recebem dela o sentido que têm porque ela os precede. O gênero humano, logicamente considerado, é pois um universal abstrato (um *compositum* de unidades), um mero conceito, mas historicamente concebido, é a totalidade constituída pela íntegra, infinita e contínua série das gerações humanas, uma ideia equivalente à “humanidade”, o suposto do ser das individualidades que constituem o todo. É na razão que se aloja o valor mais alto que, por ser racional, corresponde ao universal, sendo nós, humanos, os portadores dessa preciosa universalidade. Uma ação ou um efeito, ou uma diferença individual só tem valor quando representam esse universal. A história, com efeito, é o gradual desenvolvimento das potencialidades da razão, dentre as quais se inclui a humilde (e difícil) autocrítica.

Se os conceitos do entendimento desses indivíduos empíricos se aplicam ao que é, no domínio da experiência, os da razão proporcionam os fins a que a experiência tende, e que não estão nela, posto as Ideias, conceitos da razão, cuja especificidade é constituir fins, exigirem que aquilo que elas propõem seja realizado na experiência, já que todo fim, por sê-lo, exerce certa atração ou, ao menos, algo assim como um chamado. Nesse inalcançável movimento, em que a experiência busca a gradual aproximação com as Ideias, racionais ou inteligíveis, sem que haja chances de coincidência entre mundo sensível e inteligível, é no que con-

siste a história, a qual a eternidade do atemporal não absorverá, posto sua finalidade não se poder cumprir inteiramente.

Por esse motivo, indivíduos e povos que aparentemente perseguem metas egoístas, também podem servir a um fim que os transcenda, pois, na regência do todo, o egoísmo individual ou coletivo nada mais é senão fragilidade ao lado da razão que se revela como moralidade. A paz não é então um terno sonho, tão puro quanto impossível, mas o resultado de desgastante discórdia no seu limite, aquilo que de modo sofrível e mediante interminável esforço se alcança no interior da sociedade civil: o acordo racional entre as vontades antagônicas, a concordância entre os interesses discordantes, a palavra unificante entre as vozes dissonantes.

A incógnita que por vezes fica é a respeito do que permite o acesso da realidade à Ideia, podendo se supor aí, na sustentação da trama racional da realidade histórica, a existência entre ambas de um membro intermediário cuja função é viabilizar tal acesso. Mesmo assim, pensando nessa separação com relação ao movimento da realidade empírica, não deixamos de nos perguntar: não participar do tumulto de nosso próprio tempo não implica também perscrutar como a fala (ideias) dos contemporâneos pode ser escutada por ouvidos kantianos se são linguagens tão distintas?

Talvez se possa reduzir um pouco essa distância se consideramos que Kant fez apenas um pedido, a saber, que os filósofos, os que ainda não estão cegos e podem ver uma marcha regular em acontecimentos aparentemente desordenados, não se acovardem e manifestem com inteira liberdade seu pensamento proporcionando com isso, aos governantes, elementos de juízo para não cotejar o acerto das suas dimensões:

Não cabe confiar que os reis filosofem ou esperar que os filósofos cheguem a ser reis, mas tampouco há que desejá-los, porque deter o poder corrompe inexoravelmente o livre juízo da razão. No entanto, é imprescindível que os reis não tentem desaparecer ou calar a classe de filósofos e, pelo contrário, lhes deixar falar publicamente para que iluminem sua tarefa (ZeF, VIII: 369).

Somente no poder está fundado o Estado; não obstante sua origem empírica, mediante a concretização do direito e da justiça, tem ele uma finalidade moral, isto é, sustentar o equilíbrio entre o poder (sempre tendente a limitar-se egoisticamente) e a lei, seu freio e agente moralizador. Um poder despojado da lei seria parcialmente injusto. Contudo, o império da justiça deve ter a mesma extensão que a razão humana e estender-se todo à humanidade, num devenir histórico, no qual ao Estado cabe o papel mediador entre a eticidade e as propensões naturais do homem ³/₄ e o que foi realizado naqueles dias do Colóquio, na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, uma instituição pública, pode se considerar, por que não assim dizer, em termos kantianos, que só fez o aparato estatal aproximar-se dessa função.

* * *

A publicação deste livro contou com o apoio do Conselho Editorial da Comissão Permanente de Publicações da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Unesp, Campus de Marília, constituído pelos professores doutores Mariângela Spotti Lopes Fujita (presidente); Neusa Maria Dal Ri; Mariângela Braga Norte; Marcelo Fernandes de Oliveira; Rosane Michelli de Castro; Cláudia Regina Mosca Giroto; Arlenice Almeida da Silva; Célia Maria Giacheti; Adrian Oscar Dongo Montoya; José Blanes Sala. A eles, nossos sinceros agradecimentos.

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), à Oficina Universitária da FFC, à Fundação para o Desenvolvimento da Pesquisa (Fundepe) por terem subsidiado a publicação deste livro em parceria com a Editora Brasiliense, à qual especialmente na pessoa de Da. Danda Prado registramos nossos agradecimentos.